



RAQUEL NAVEIRA – Emblema sagrado da poesia sul-mato-grossense

A poetisa Raquel Naveira é uma das mais “promissoras expressões da poesia moderna”¹, em Mato Grosso do Sul. Nasceu em Campo Grande, MS, nasceu no dia 23 de setembro de 1957. Graduiu-se nas Faculdades de Direito e de Letras da antiga FUCMAT, hoje UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), instituição na qual leciona no curso de Letras.

A poetisa colabora assiduamente nos meios culturais e sua presença é marcante na mídia do estado de Mato Grosso do Sul. Mantém um programa semanal na TV UCDB, do Canal Universitário, no qual produz e apresenta o programa cultural “Prosa e Verso”.

Raquel Naveira envolve-se, numa intensa entrega, com a difusão da arte literária, sem delimitar fronteiras, quer regionais ou nacionais. No dia 21 de junho de 2001, foi empossada Membro do internacional “*Pen Clube*” do Brasil, que reúne uma plêiade de notáveis escritores. Detentora de vários prêmios foi homenageada recentemente com o prêmio “Henriqueta Lisboa”, da Academia Mineira de Letras.

A escritora editou, até o momento 16 obras literárias. O seu primeiro trabalho, *Via Sacra*, manifesta-se em 1989, em edição feita de maneira independente pela escritora. A partir dessa data, todos os anos surge uma obra marcada pelas características inerentes à poetisa: poemas regionais, poemas épicos ou históricos, poemas místicos e míticos e poemas líricos, densos e sensuais.

Entre os anos de 1996 e 1997 a fecundidade literária da escritora redobrou e quatro livros foram lançados. O arranjo dos conteúdos e temáticas revelam a maestria da poetisa em compor textos. Maestria que surge com a consciência da vocação racional da linguagem e se coaduna com os acordes dos toques intuitivos ou “força reveladora”.

Nesse contexto de evocação de impressões e de sensações insere-se a obra *Fianadeira*, de 1992, e como se confirmando palavras de Emil Staiger², em seu *Gêneros Poéticos* de que não existem gêneros literários estanques, isolados, traz uma narrativa em prosa misturada à poesia, revelando um encontro literário perfeito.

Segundo a professora Josênia Chisini³, subjaz nessa obra um veio ensaístico, que beira ao reconto e examina os objetos e os seres. A fiandeira tece suas passagens literárias por meio das formas discursivas da prosa e da poesia, e essa ocorrência de união de duas expressões literárias foi auto-definida pela poetisa assim: “Sou fiandeira tecendo textos e tramas com os fios frágeis e preciosos da memória.” (Naveira, Discurso no ‘*Pen Clube*’, Rio de Janeiro: 7/6/2000). E assim tece a fiandeira:

¹ Vieira Pontes, 1991:142.

² Staiger, 1974:162

³ CHISINI, Josênia Marisa. **Raquel Naveira: a fiandeira de textos**. In NAVEIRA, Raquel. Stella Maia e outros poemas, 2001.

*“Sou fiandeira
Tecendo note e dia
Uma esteira de pensamentos.*

*Sou fiandeira,
Aranha tirando de dentro
A liga que emaranha*

*Sou fiandeira
Bordando com palha e ouro
A bandeira de minha fê.*

*Sou fiandeira,
Vivo à beira
De tudo aquilo que é frágil,
Que parece fiapo
Ou que está por um fio.*

As imagens poéticas de *Fiandeira* conseguem abarcar com um só movimento, a totalidade do existente, conjura de um golpe apenas, o mais próximo e o mais longínquo. Aquilo que para a experiência está e sempre permanecerá rigidamente separado une-se e mistura-se por virtude do feitiço poético.

O poético em *Fiandeira* remete ao mais distante e ao mais próximo na medida em que resgata a temática da origem do homem. A história humana começou com os mitos; e, dentre todos, aquele que prende o homem ainda à linha imaginária do tempo – o mito das Fiandeiras.

Essas entidades residem no princípio de anterioridade, onde surgem as leis periódicas de sucessão temporal e, assim Raquel Naveira diz: “Sou fiandeira/ Tecendo noite e dia...”.

O dia e a noite como representantes metafóricos da humanidade – vida e morte – pois às Parcas é confiado o poder de começar e interromper a dia do ser humano, a elas é dado o poder de cortar o fio da vida.

Assim, tecendo o fio da palavra, a poetisa, além do anacronismo mítico, desvela o seu lirismo impregnado de feminino, porquanto as Fiandeiras inscrevem-se no primado mundo feminino. Com seus poderes ameaçam a soberania e a potência do próprio Zeus. O destino humano que elas tecem não pode ser modificado nem mesmo por outros deuses.

Na sociedade contemporânea essas deusas adquirem uma origem ou personificação recente, elas se tornam antes de tudo uma encarnação da própria mulher, ser no mundo.

O mítico que avulta no contexto geral do poema adere-se ao místico na segunda estrofe, porque ao dizer “Aranha tirando de dentro/A liga que emaranha” o “eu” lírico busca a imagem da aranha que ao começar a fiar põe em movimento os poderes que possui a mulher. É possível dizer que Fiandeira é meio mulher, meio bicho – mulher

aranha, ela possui poderes sobrenaturais. E é à noite, eterna Penélope, que ela fia, para que no dia seguinte, o tempo seja bom e as teias de aranha, ou a “liga que emaranha” não deixem ver os objetos sagrados.

É possível dizer que Raquel Naveira, em sua forte tendência místico-religiosa, fez aqui uma alusão à teia de aranha que, segundo uma lenda cristã, é feita da noite para o dia, numa gruta, escondeu Nossa senhora em sua fuga para o Egito.

A ousadia de tal hipótese engendra-se na terceira estrofe quando ela diz:

*“Sou fiandeira
Bordando com palha e ouro
A bandeira de minha fê.”*

Ora, no Brasil há um espécime de aracnídeo que se denomina “O fio-de-Nossa-Senhora”, assim, a poetisa católica, mesmo buscando imagens perdidas nos arcanos da memória, transcende o mítico e deixa que as palavras investiguem o místico mundo cristão, no qual o fio da vida é urdido por vontade Divina e pode ser restaurado também por vontade Divina.

O fio é o vínculo entre o concreto e o abstrato – vida corpórea e vida espiritual – sendo assim élan de pares antitéticos e, como tal surge como um simbolismo sexual: o ato de criar. A fecundidade encarnada pelo corpo da fiandeira, segundo Hughes Liborel⁴, não pode ser evocado sem que se lembre a generalizada expressão da “mulher em trabalho de parto”, ou seja, em trabalho de renovação da vida (Liborel, 1997: p. 372). E, assim, o “eu” poético se resume:

*“Vivo à beira
De tudo aquilo que é frágil,
Que parece fiapo
Ou que está por um fio.”*

Ainda segundo a mitologia, o ato de fiar é feito com gestos e atos que exigem força, e, esta força é imposta na formação da mulher, correspondendo a um período de autoformação afetiva e sexual. Nesses versos o “eu” lírico se assume “fiandeira à beira de tudo aquilo que é frágil”, isto é a “fiandeira” Raquel Naveira permanece do lado oposto da fragilidade. Entretanto, o ato de fiar é solitário e assemelha-se ao ato do fazer poético. Unindo a anterioridade e o presente, o fio da “fiandeira” volta-se para o moderno ato poético auto-reflexivo e tece, no papel, com o fio do verbo, os vestígios do mundo.

⁴ In Dicionário de Mitos Literário.

Raquel Naveira prossegue na proposta das narrativas e dessa fase nascem *Caraguatá* e *Pele de Jambo*, ambos de 1996. *Caraguatá*, afirma Josênia Chisini, traz uma leitura comovente, porquanto inspira-se no cenário épico e beligerante da “Guerra do Contestado”, cujos protagonistas foram os estados do Paraná e de Santa Catarina. No prefácio do livro, Ruy Miranda evidencia a importância desse tema histórico, porque traz a possibilidade de se recuperar a memória nacional. Selecionamos aqui o poema João Maria, que nos dá a idéia do clima desse interesse romanesco:

JOÃO MARIA

*Era um santo da terra,
Meu padrinho João Maria,
Um monge,
Um eremita
Vindo da Galiléia
Para este sertão
Que ele chamava “Casa Verde”,
Verde como o chimarrão da cuia
E as águas do rio Uruguai.*

*Às vezes parecia jovem,
Cheio de energia,
Outras vezes, velho,
Curvado ao peso da sabedoria;
Usava gorro de jaguatirica,
Sandálias de couro,
Roupa de riscadão,
Era tão digno
E bom
Meu padrinho João.*

*Andarilho,
Aparecia
E desaparecia,
Carregava um oratório,
Um panelinha de alça
Onde nunca falatava alimento,
Uma bandeira branca
Como uma pomba vermelha;
Tinha perdido três dedos da mão
Meu padrinho João.*

*Por onde ia
Espantava doenças,
Esconjurava azares,
Orientava o povo,
Lia o fundo das almas,
Benzia com erva vassourinha,
Dizia que árvore era bicho
E bicho quase gente;
Só comia queijo com pão*

Meu padrinho João.

*Virou mito,
Virou lenda,
Mas garanto que existia,
Era meu padrinho
Esse João Maria.*

Com ralação ao livro *Caraguatá*, a professora Chisini argumenta que é interessante frisar que este recebeu as ilustrações do gravurista Poty (Napoleon Potyguara Lazaratto), paranaense, que deixou suas marcas artísticas no âmbito internacional. A literatura brasileira foi redesenhada pelos traços desse artista gráfico, sobretudo, nas obras de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Manoel de Barros e outros.

O texto narrativo *Caraguatá* conduz a poetisa a um discurso épico regional, o qual se apresenta, no mesmo ano no infanto-juvenil *Pele de Jambo*. Nesse texto o regional fixa-se no espaço fronteiriço de Mato Grosso do Sul - Paraguai. O palco da narrativa é a cidade de Bela Vista e o enredo episódios nascentes da junção de lembranças da infância e da imaginação criativa da escritora. Portanto é possível dizer que a personagem de *Pele de Jambo*, a menina Ruth, é a testemunha clássica de considerações teóricas tais como as de François Mouriac⁵, quando este diz que os personagens são criaturas formadas de elementos tomados ao real e que os heróis dos romances nascem das núpcias que o escritor contrai com a realidade.

Inserir aqui capítulo do livro

Por consequência, a personagem Ruth, assim como a escritora, em sua infância, é uma menina que vive na cidade de São Paulo e vem passar férias na casa dos tios, em Mato Grosso do Sul, na cidade de Bela Vista e concebe, nessas férias, todo um aprendizado a respeito da cultura sul-mato-grossense.

Como consequência do envolvimento com a vertente literária regional e o aprofundamento nos fatos históricos, surge *Guerra entre Irmãos*, de 1993, um relato épico da Guerra do Paraguai. A professora Josênia Chisini, em seu ensaio a respeito da poetisa sul-mato-grossense, diz que essa obra mira seus valores dramáticos no engenho artístico camoniano, o qual se introjecta na veia literária de Raquel Naveira. Assim, com maestria, a escritora lança-se nos elementos épicos, que são mesclados aos eventos dramáticos e intensa lírica. Os resíduos funestos desse lamentável incidente histórico envolvendo Brasil e Paraguai avulta-se como um traço de reciprocidade cultural, no qual irmãos sul-americanos, se digladiam, num cenário de perdas irreparáveis.

Observa a professora Arlinda Cantero Dorsa que ao abordar o tema da Guerra do Paraguai, ocorrida em 1870, a escritora o faz com uma linguagem original, deixando porém expressa sua visão crítica, contrária às atrocidades contra o povo paraguaio. Afirma ela que o romanceiro naveiriano, escrito em ordem cronológica de acontecimentos, vai, aos poucos, referindo-se aos países envolvidos tais como peças de xadrez, estrategicamente referenciados e lançados no jogo da vida, do poder e da morte.

⁵ Mouriac, 2002: p. 155.

São poemas, afirma Cantero Dorsa⁶, que trazem à tona a trajetória singular e a superioridade paraguaia reforçada pela imagem conotativa de glória, poder e modernidade. A estrutura socioeconômica do Paraguai, na época, voltada para os interesses da população, faz com que este se contraponha aos demais países da América Latina. Entretanto, ao imperialismo britânico não interessa a emancipação da economia nacional de país algum e sua intervenção no destino dos países da América do Sul se faz presente por um longo período. Esse domínio recebe o olhar poético de Raquel Naveira no poema “Leão Britânico”:

*“O leão ruge,
Impera,
Domina,
Quer o mundo a seus pés,
Usa as garras,
A força,
A violência...”*

A ordem crescente apresentada nas formas verbais “ruge”, “impera”, “domina”, segundo ela, induz ao estado de opressão econômica, social e política que a Inglaterra impunha aos países sul-americanos. Observa, desde esses versos e, em todos os poemas de *Guerra entre Irmãos* a óptica particular da poetisa, que assume uma postura crítica e ciente de quem conhece a história com seus detalhes funestos. E ainda, o eu-narrador é sensível, ideológico e se coloca do lado do Paraguai, pelo sentimento de compaixão pelo vencido e, narra as atrocidades cometidas a seu povo e toda a dor da tragédia que provocou o extermínio de uma nação, poeticamente descrito assim:

*Os homens do Paraguai estão mortos,
Restaram meninos e velhos,
Onde a virilidade?
A força?*

*Os homens do Paraguai estão mortos
As casas vazias e tristes
(Como são tristes e vazias as casas sem pai, sem marido!)*

*Como povoar esta terra,
Reconstruir a Pátria,
Enorme útero úmido?”*

Os sinais de pontuação interrogativos e exclamativos são sinais da estupefação poética, que deixa eclodir a dor de um povo destruído e a descrença em um novo ama-

⁶ Op. cit.,

nhã, em um recomeço, mesmo porque “Os homens do Paraguai estão mortos” e assim o “útero úmido” vazio, infertilizado. Resta às mulheres a missão de reconstruírem uma Pátria.

O poema Cerro Corá fecha a triste jornada de perseguição e morte, conta os momentos finais de Solano Lopes, considerado ditador, porém, presidente que tentou fazer do Paraguai uma potência.

CERRO CORÁ

*Cerro Corá,
Círculo de montanhas,
À margem do rio Aquibadã,
Anfiteatro natural,
Formado pela erosão
Na borda do chapadão.*

*A arena está pronta
Para o espetáculo,
Para o combate de feras e gladiadores,
Para a tragédia americana.*

*Chegam as tropas do General Câmara,
Solano López,
Vestindo alva camisa de cambraia,
Calças militares,
Galopa em direção à mata,
Persegue-o Chico Diabo,
Mulato esguio,
Com uma lança perfura o ventre de López,
Outro soldado acerta-lhe a testa com um sabre,
Cambaleando,
Cego,
Resistindo sempre,
O ditador de constância indomável
Tenta atravessar o riacho,
Brandindo a espada frouxamente
Pronuncia a frase:
“- Morro com minha Pátria”
Verdade cruel
Como um tiro pelas costas.*

*Cheia de ódio
A soldadesca cai sobre o corpo,
Bando de corvos
Arrancam a orelha,
O dedo,
O couro cabeludo,
Os dentes.*

Na carruagem,

*Arquibancada do anfiteatro,
Madame Lynch
Assiste à luta,
Seu filho Pancho, de dezesseis anos,
Não se rende,
É um homem defendendo a mãe,
Com os olhos cheios de orgulho e lágrimas,
Recebe um golpe no Coração.*

*Madame Lynch,
Irlandesa acostumada a séculos de humilhações,
Cava com as próprias mãos a sepultura
Para o filho e o companheiro.*

*Completa-se a tragédia: Cerro Corá,
Cercos fechados,
Apertado no cinturão das árvores,
No laço da morte,
Nas cordas da dor.*

Cerro Corá palavras indígenas que significam “conjunto de montanhas formando um círculo”, é o palco onde se desenrolou o fim da Guerra do Paraguai. Assim tem-se:

*“A arena está pronta
Para o espetáculo
Para o combate de feras e gladiadores...”*

Nesses versos a poetisa escolhe as palavras de forma tal que as imagens remetem o leitor ao cenário dos circos romanos “arena”, na qual os “gladiadores” se batiam em embates de morte para o prazer de uma platéia sedenta de sangue. E foi assim que os cristãos foram levados à arena para serem devorados pelas feras (leões).

Observa-se o misticismo cristão, freqüente nos poemas naveirianos, insinuando-se no texto. Seria, assim, Cerro Corá o circo romano do espetáculo final da “tragédia americana”. O longo poema narra os últimos instantes de vida de Solano Lopes, e parece querer registrar e eternizar a referência histórica, como símbolo emblemático dos efeitos de um conflito provocado por interesses econômicos que fez de irmãos inimigos sanguinários.

No poema Lopes é apresentado como um homem de grande dignidade, que segue em luta “resistindo sempre”, mas já não tem mais forças para manter a espada em riste. Então, no momento final, sem exército e com fio da vida rompido, rende-se à morte declarando fidelidade à sua nação “Morro com minha Pátria”.

A longa descrição desse poema, relato dos últimos momentos da batalha final, alude a fatos históricos dignos de menção. Assim, é possível observar que a expressão “... tragédia americana”, além de suas imagens verossimilhantes às tragédias gregas ou

com as memoráveis batalhas entre gregos e troianos, relata verdades incontestáveis. A expressão citada pode resumir em si a união denominada Tríplice Aliança, alicerce bélico do conflito. A Guerra do Paraguai uniu os então arqui-rivais, Brasil, Argentina e Uruguai em um só objetivo: repelir o cerco paraguaio.

O poema “Cerro Corá”, assim como principia, termina como uma grande cena em uma arena romana, porém os louros dos gladiadores não são oferecidos como prova de Coragem aos expectadores ilustres. No poema, a barbárie permeia as cenas e estas retratam de forma dorida o fim da bela mulher de Solano Lopes:

*“Madame Lynch...
Cava com suas próprias mãos a sepultura
Para o filho e o companheiro.”*

E assim o poema fecha a tragédia “Nas cordas da dor”, cumprindo os preceitos aristotélicos, anunciando verdade.

No ano de 1997, Raquel Naveira lança o livro *O arado e a estrela*, o qual, conforme Josênia Chsini, recebe profundo tratamento metaliterário. O conceito metaliteratura provém da junção de literatura e de metalinguagem, uma das funções da linguagem. A metalinguagem, como traço que assinala a modernidade de um texto, é o desvelamento do mistério, colocando em cena o esforço do emissor na sua luta com o código. E, esse labor, para Arrigucci Jr., denota que “a consciência criadora dos poetas é a expressão da modernidade que se traduz na consciência do estilo como algo problemático”.⁷

Nesse contexto, Raquel Naveira, em sua metaliteratura regionalista premia o leitor com o poema “Os ervais” do livro *O arado e a estrela*, dedicado ao escritor folclorista, Hélio Serejo, profundo conhecedor da história e dos costumes da região de fronteira, Ponta Porã-Paraguai.

OS ERVAIS

*Os ervais se estendem como um manto,
Muralha verde e movediça;
Cada folha é a vida de um homem
E todas juntas contam a história deste sul,
Deste estado calcado em sangue e clorofila.*

*No mesclado vegetal
O ervateiro é rude,
Puro músculo de tigre,
Mas na noite profunda e silenciosa
Sabe embalar o filho
E amar com ternura a mulher guarani.*

*Pela manhã, madrugada ainda,
Sonda o tempo:*

⁷ ARRIGUCCI Jr, Davi. *Paixão humildade e morte*, p 128/129.

*O verão torra a terra,
Urutau, ave do sol,
Pousa sobre as erveiras arredondadas.*

*Ao trabalho!
Não importa o sacrifício,
O que vale é o mate;
Não importa a liberdade,
O que vale é a produção;
O patrão tem chicote de lagarto papo-amarelo
Para arrebentar todos os órgãos e sonhos.*

*Se tem baile,
Por um momento esquece a luta;
Quanta fita encarnada,
Quanta chica bonita!
Mas por ciúme ou desdita,
Pode haver quebra-quebra,
Sururu bravo
E acabar em defunto,
Em peito aberto a navalha
Como um cravo colorado.*

*Se a tarde ameaça chuva,
Os espíritos caminham no lusco-fusco:
É o duende que vem na garoa,
É a alma feminina do fogo e da erva-mate;
Onde a estrela d'alva
Com seu leite,
Sua bênção branca?*

*No pequeno cemitério da fronteira,
Povoado de cruzes esqueléticas,
Trançadas por tiras de pano
Que lembram rotos sudários,
Há tantas vítimas,
Tantos heróis,
Tantos carrascos...
E lá, onde começava o manto dos ervais...
Ainda se ouvem os gritos de ira e entusiasmo dos ervateiros!*

O poema “Os ervais” reporta a um fato histórico de Mato Grosso do Sul, quando por término da Guerra do Paraguai, o sulista Tomás Laranjeira, que participou da comissão formada para estabelecer os limites entre Brasil e Paraguai, conheceu a região e encontrou extensos ervais (erva-mate nativa) no sul de Mato Grosso. E assim iniciou a exploração da erva. O poema desenha a imagem visual da plantação, em sua vastíssima extensão “os ervais se estendem como um manto”. Ao utilizar a palavra manto, a poetisa deixa vir à tona sua característica mística, a qual se entremeia à temática regional.

A palavra “manto”, em sua denotação dicionarária significa “veste longa, para abrigo da cabeça e do tronco, capa que se prende nos ombros”, esse seria o conceito

concebido. Porém, como afirma Jean Cohen, o poeta é aquele que anuncia novas verdades, então é possível ler “manto” como a veste longa utilizada para cobrir o corpo das imagens de santas no altar. E ainda mais, “manto” como a capa utilizada por Nossa Senhora, em suas imagens retratadas por artistas e religiosos. “Manto” seria ainda aquilo que protege, não só a cabeça e o tronco, mas a força poderosa da fé que encobre toda a humanidade.

Desse modo, o “manto” “muralha verde” estaria cobrindo todos os homens sul-mato-grossenses, governantes, proprietários e ervateiros, visto que: “E todas juntas contam a história deste sul” / “Deste estado calcado em sangue e clorofila.”

No poema de Raquel Naveira, assim como em outros escritores que retrataram cenas regionais, o homem é apresentado, como o ervateiro “rude”, “puro músculo de tigre”, mas é terno, porque “Sabe embalar o filho” e “Amar com ternura da mulher guarani”. Esse homem revela-se ainda como aquele que, mesmo subjugado pelo “chicote” pode, num átimo demonstrar sua fibra e dignidade e lutar como: “Ainda se ouvem os gritos de ira e” “entusiasmo dos ervateiros”.

Esse homem “rude”, característico das regiões inóspitas do país é manifesto pela palavra poética de Raquel Naveira de forma a convidar o leitor a partilhar das vibrações de seu estado de animo.

Dentre os poemas regionalistas destacam-se ainda aqueles que parecem elaborados nas lembranças contidas de uma poetisa que cresceu com uma cidade, e assim, Campo Grande, a Cidade Morena, é premiada com poemas que contam liricamente sua trajetória evolutiva. Poemas emblemáticos tais como “RELÓGIO DA 14”:

RELÓGIO DA 14

*Na rua 14 havia um relógio,
Um relógio alto como uma torre,
Amarelo como uma fotografia antiga;
Era um relógio de grande utilidade:
As pessoas sabiam se estavam atrasadas
E sentiam o escorrer dos minutos;
No Natal, virava presépio,
O Menino Jesus de olhos de vidro,
Separado do público por grossas cordas;
No carnaval, virava pagão,
Um rei Momo gordo,
Pendurado pelas bochechas
Chamava para a folia,
Para os bailes de máscara,
Para as orgias do esquecimento;
E depois, era um relógio solene
Em que se podia marcar um encontro
Nas tardes mais azuis.*

Quem tirou o relógio da 14?

Parece que foi sonho....

*A gente era criança,
Veio um ser de outro planeta
E com mãos gigantescas
Arrancou o relógio,
A cidade amanheceu sem relógio,
O tempo galopando nas esquinas;
Crescemos de repente,
Sem marcas de ferro nas lembranças,
Sem o apoio dos ponteiros,
Soltos no espaço.*

*Senhores contemporâneos,
Amigos de infância,
Passageiros desta terra,
Devo lhes confessar o que descobri:
O relógio da 14 sumiu...*

Nesse percurso de intertextualidade com textos bíblicos chega-se à obra *Sob os Cedros do Senhor*, que reúne aspectos das culturas árabes e armênia, num diálogo de tradições étnicas com a identidade sul-mato-grossense. Nessa obra o cenário cotidiano das duas etnias que ajudaram na construção populacional da cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, é circunscrito como profundo marco, tanto na cultura campo-grandense como e sul-mato-grossense.

O escritor Jorge Amado, em reconhecimento ao talento da poetisa sul-mato-grossense, louva a obra *Sob os Cedros do Senhor* declarando: “Belos poemas os de *Cedro do Senhor*. Gostei de lê: ‘Na Casa Libanesa/Havia um tapete persa’ ou ‘São Jorge/Grande mártir/Guerreiro lutador’ – o mundo oriental que sinto tão próximo”. Mais tarde esse livro será citado pela escritora Ana Miranda, no seu romance *Amrick (editora CIA das Letras)*, como *inspirador de sua personagem “Amina”*.

Leiamos o poema “Camisaria”, em que Naveira brinca com palavras e evoca a aptidão dos árabes para o comércio que se instalou nas principais ruas da capital sul-mato-grossense, rua 14 e Calógeras:

CAMISARIA

*Confeccionamos camisas,
Camisas leves,
De seda,
De formosas estampas,
Entrem senhores,
Madames,
Entrem.*

*Quem não precisa de camisa?
Nem era mesmo feliz
O homem que não usava camisa,
Na camisa, a elegância,
A dignidade,*

*Aprecie esta:
Que talhe!
Que colarinho!
Entrem senhores,
Madames,
Conheçam nossas camisas de linho.*

*Não falo bem o português,
Nem minha irmã Laila
Que veio do Líbano,
Mas tenho um dicionário de francês
E Depois
Basta ver o artigo
Sentir a maciez
Para virar freguês,
Entrem senhores,
Madames,
Entrem,
Entrem.*

Outra característica recorrente na poética naveiriana é a religiosidade. Afirma Arlinda Cantero Dorsa que analisar a obra poética naveiriana sob o prisma do misticismo é:

Transpor a barreira do racional, do vivido, do observado e perceber em vários poemas a sua linguagem bíblica, que prenuncia uma linguagem messiânica. O “eu” poético apropria-se da situação para refletir, questionar, para se fazer ouvir, para buscar; assume o papel de profeta poético que indaga, procura, indica o caminho do Senhor e da fé. (Dorsa, 2000: p. 59)

Conforme dados da biografia elaborada pela professora Josênia Chisini⁸, essa característica confirma a posição da poetisa no cenário literário universal. Os emblemas sagrados dispõem-se nas culturas cristãs e judaicas, produzindo efeitos poéticos inusitados, quando espalham a aura paterna, nos conteúdos da obra *Abadia*, de 1995. Obra que, assim como a anterior *Canção dos Mistérios*, de 1994, opera o ato de religar a crença pagã à vida cristã. O sagrado, o profano e o mítico interagem-se num trabalho metafórico, do qual brota o tema de natureza superior do livro que ressoa como uma melodiosa ladainha de um Rosário, unindo assim, as duas expressões poéticas – música e palavra, repletas de imagens de simulacros religiosos que tocam a alma humana.

O misticismo de Raquel Naveira aprofunda-se em temas mítico-religiosos como o nestes poemas: “Graal”, “Fogo e Safira” “Ovelha” e outros.

GRAAL

*Pentecostes,
Estávamos reunidos ao redor da Távola redonda,
Éramos todos cavaleiros,*

⁸ Op. cit.,

*Guerreiros,
Monges,
Aspirávamos a um reino de paz
E, no entanto,
Persistia melancólica
A sede de combate.*

*De repente,
Um raio de sol
Penetrou as paredes do castelo,
Voou pelos ares
Um cálice verde,
Esculpido numa esmeralda chamejante,
Era o Graal,
Contendo o sangue de Cristo
Jorrado na cruz.*

*Sentimos odores adocicados
De frutas,
Fontes,
Flores maceradas,
Vimos luzes girando
Pelos arcos,
Iguarias dissolveram-se em nossa boca
Como néctar e ambrósia.*

*Em Pentecostes
Provamos por um instante
Um gozo inefável,
Uma gota de neve,
Um golpe de espada.*

*Desde esse dia,
Dispersamo-nos pelo mundo:
Peregrinos,
Penitentes,
Em busca do bem
E do Graal.*

FOGO E SAFIRA

*Quando te vi
A caminho do calvário,
Coberto de sangue e suor,
Bati no peito,
Lamentei teu destino,
Tu me cravaste teus olhos de fogo e safira
E disseste:
“- Não chores por mim,
chora por ti
e teu filho,
feliz a estéril,*

*o ventre que não gerou,
os peitos que não amamentaram”.*

*Ah! Safira e fogo...
Ouve meu rogo,
Não desfiras essa flecha de veneno
No sulco de minha vinha,
Que será de mim sem esse filho?
Não deixes que seque o lenho verde,
Que azede o fruto de minha vida,
Que se encha de espinhos
Meu caminho santo,
Se tal acontecer
Pedirei aos outeiros que caíam
E me cubram como um manto.*

*Ah! Fogo e safira...
Não me firas,
A mim, pobre mulher
Que te sigo.*

OVELHA

*O meu pastor tinha os olhos úmidos
Como o lago onde nos levava a beber,
Tocava música de flauta
Enquanto o sol caía
Como uma nota de fogo.*

*O pastor nos cuidava
E nosso pêlo crescia
Como tosões de ouro;
Não nos faltavam chuvas,
Nem pomos açucarados,
Nem planícies verdejantes.*

*Perdi-me de meu pastor,
Eu, a ovelha que mais o observava,
Que seguia o ranger de suas sandálias,
Que confiava no rumo que ele dava
Com a batida de seu cajado.*

*Perdi-me pela montanha,
Pelas grutas cheias de aranha,
Pela cidade que nos engole e emaranha;
Meu pêlo ficou preso em espinhos,
Minha pele sangrou
Como se eu fosse uma oferenda viva.*

*Até que um dia,
Nem sei se foi sonho,
Meu pastor veio vindo de longe,*

*Passou unguento em meu corpo,
Colocou-me nos ombros
E me transportou com passo lento
Para um lado que eu não via.*

*Desfaleci nesse gozo
Que nem ousou lembrar...
Então meu pastor me amava?
Meu pastor me conhecia?
E eu que não sabia
Até esse dia.*

Em 1998, período glorioso no percurso literário da poetisa campo-grandense, nasce a *Casa de Tecla*, obra de apurado valor estético e emocional. Momento de pleno na carreira da escritora, tanto na vertente da construção poética, como nos elementos imaginários. A herança portuguesa que se encontra na alma da escritora vai, nessa obra ditar as temáticas, as fontes e a metodologia. A *Casa de Tecla* transborda lirismo e fala de pintores imortais, de musas, de obras e de legados culturais que vão além das fronteiras demarcadas e abrangem significâncias universais.

No ano de 1999 a força da linguagem poética de Raquel Naveira se avulta e *Senhora* se dá a conhecer. Obra que vem coroar a multiplicidade cultural da temática naveiriana. Distribuído em três agrupamentos poético-temáticos, na seguinte forma – “Senhora do Castelo”, “Senhora do Nilo” e “Senhora do Adro” – temas universais que se mesclam e elevam várias civilizações e culturas ao campo da poesia.

Nessa obra, feminina desde o título, a voz da mulher se faz poesia e assim a primeira parte do livro delinea a mulher cortesã da cultura medieval, surge a castelã, com sentimentos trovadorescos e idealização dos cavaleiros heróicos. Na segunda parte o “eu” lírico dirige-se à cultura oriental, buscando nas águas do Nilo a fonte que jorra lirismo aos poemas “Pedra de Roseta” “Pirâmide” e “Nefertiti”.

O “eu” poético, ou a Senhora do poema adentra na terceira parte da obra e, revela o ambiente de mistério nesse labiríntico universo da imaginação, inserem-se os mitos femininos, gloriosamente requisitados dos romances portugueses. Assim “Maria do Adro e Maira da Fonte” surgem como sinal distinto da cultura lusa. Assim, Raquel Naveira fez uma releitura do mito de Dom Sebastião:

DOM SEBASTIÃO

*Dom Sebastião,
Rei,
Monge,
Cavaleiro
De meu distante Portugal;
Dizem que morreste em Alcácer-Quibir,
Desapareceste na floresta tórrida,
Montando num elefante
Ajazado de púrpura,
A cruz de prata no peito.*

*O sultão marroquino
Fez de mim escrava,
Senhor absoluto,
Vivo sob seu domínio.*

*À minha volta
As tamareiras se erguem,
Ácidas,
Tiro resina das acácias;
Fora das muralhas do palácio
Há rinocerontes,
Gorilas,
Búfalos negros
E avestruz gigantes;
No grande platô
Pigmeus
Escondem-se entre folhas de palmeiras;
Por toda parte, o perigo,
O mouro,
A ambição de marfim.*

*Não morreste,
Bravo Dom Sebastião,
Virás salvar-me,
Libertar-me do sultão,
Do soberano Mal;
Nas asas da Arte,
Pelo oceano da Poesia
Regressaremos juntos
Às fontes,
Às raízes,
À glória de Portugal.*

Nesse poema, a Senhora do poema adentra “Pelo oceano da poesia” com o fio dourado das “asas da Arte”, a um episódio determinante na trajetória de glórias e lágrimas do povo luso. A história conta que o infante Dom Sebastião desapareceu em combate em Alcácer-Quibir, deixando assim Portugal órfão, pois ele era a grande esperança de continuidade e de consagração para o almejado “Quinto Império”. Portugal caiu em depressão político-social com a morte, ou, como acreditam os lusitanos, com seu desaparecimento ou ascensão, pois havia quem acreditasse que Dom Sebastião era um novo Cristo, e assim como o filho de Deus havia ascendido ao alto e um dia voltaria, para libertar o povo de Portugal do jugo a que tinham sido submetidos.

No poema, a Senhora se metamorfoseia e passa a representar a nação portuguesa, que após o desaparecimento de Dom Sebastião, caiu nas mãos do inimigo. O inimigo, no poema é “O sultão marroquino”, que se apodera da Senhora e faz dela “escrava” de forma tal que ela vive “...sob seu domínio” e ele é “Senhor absoluto”. Assim como Portugal passou ao domínio Espanhol a Senhora tornou-se cativa do “Sultão Marroquino”.

Nesse contexto, crentes na volta do infante, o povo português passou a venerá-lo e nasceu assim a vertente religiosa denominada Sebastianismo, a qual manteve o povo luso unido em torno de uma fé o longo jugo espanhol. No poema a Senhora eleva suas palavras e diz “Bravo Dom Sebastião” / “Virás salvar-me”, e assim crê que será salva e que um ela (o povo português) se encontrará com o venerado Dom Sebastião e juntos regressarão para a “Glória de Portugal”.

A poetisa premia ainda o leitor com o poema intitulado “Samorim”, no qual resgata esse personagem tão controverso e interessante do Canto Oitavo de “Os Lusíadas”, de Luís Vaz de Camões.

SAMORIM

(a Vasco da Gama)

*Vasco da Gama
Chegou à Índia
Onde reinava o Samorim.*

*O porto escoava pimenta,
Canela,
Cravo,
Noz-moscada,
Especiarias cheirando a alecrim.*

*O samorim
De turbante
Com uma pena vermelha
Presa numa esmeralda,
Anotava lucros
Numa caderneta de marfim.*

*Eram tantos os inimigos:
Comerciantes árabes,
Corsários
Que se lançavam contra as naus portuguesas,
Protegidos pelo samorim.*

*O bombardeio de Calicute
Foi o princípio do fim.*

E como não poderia deixar de ser, o lirismo poético naveiriano busca, com delicadeza e uma grande saudade daquilo que não viveu, o escritor Machado de Assis. Nesse poema, o “eu” lírico, ante o sentimento de admiração por Machado de Assis, parece escolher, cautelosamente, as palavras, como que temendo arranhar a redoma criada por ele para emoldurar a cena imaginária do cotidiano do insigne escritor.

A VISITA

(à memória de Machado de Assis)

*Muitas vezes os vi
No Cosme Velho,
Na casa mergulhada em árvores,
Rosas e murtas,
Carolina vestida de preto,
Machado olhando o regato,*

Partilhando o silêncio e as borboletas.

*De manhã,
O rosto dele,
Franzino e mulato,
Ficava ao centro da janela,
Debruçado sobre os papéis avulsos,
Ora observava os retratos,
Ora os formatos das letras.*

*Depois caminhava pela rua do Ouvidor,
Entre alfaiates,
Floristas,
Joalheiros,
Cumprimentando a todos, cortês,
Chegava à livraria Garnier
Em busca de um livro francês.*

*Estava na repartição,
No gabinete,
Nos jantares,
Nas reuniões,
Sempre com sua ironia tranqüila,
Cheia de piedade
Por vítimas e algozes.*

*Seu cotidiano,
Presenciei,
Era simples e burguês,
Mas da mente saíam crisálidas,
Falenas,
Vermes que roíam cadáveres
Em ressacas de pessimismo.*

*Assisti ao calvário de sua doença:
A ausência,
A boca amarga,
A crise de nervos,
Como se Netuno
Com seu tridente
Abalasse suas carnes de vulcão.*

*Estava perto
Naquele domingo
Quando ele saltou do bonde
Segurando flores,
Em direção ao cemitério,
Ao túmulo de Carolina,
Ao leito derradeiro
Da saudosa amada.*

*Fui eu o leitor anônimo
Que lhe fez a última visita,
Bati na porta,
Abriram,*

*Conduziram-me até ele,
Ajoelhei-me,
Tomei sua mão de mestre,
Beijei-a
E pensei:
“Sou o filho que não tiveste,
Aquele a quem deixaste teu legado:
Teus livros,
Teu encanto
E a compreensão de nossa miséria”.*

O poema “Violeta”, típico representante do lirismo poético de Raquel Naveira, alude a um “eu” sensível como uma violeta, que perante as vicissitudes da vida perde o “viço” e suas folhas “murcham”. Porém, o amor, assim como as gotas de chuva na violeta, chega tão intenso permitindo que as raízes do ser “... em perigo” se encharquem de seiva e se “deleite” na “felicidade”.

VIOLETA

*Estou em perigo:
Uma angústia,
Um desejo de morrer,
Minhas pétalas murcham
Num roxo mortiço,
Perco o viço,
De amor tão intenso
Desfaço.*

*Estou em perigo:
Uma felicidade,
Um deleite,
Minhas raízes sugam húmus,
Encharcam-se,
Amoleço.*

*Estou em perigo,
Nada no mundo me vale nesse transe;
Num jardim cheio de sombras
Permaneço.*

*Quando Ele me toma
Entre seus dedos de sol
E me sopra ânimo e coragem,
Fortaleço*

*Sem encontrar apoio na terra,
Sem poder subir ao céu,
Vivo frágil,
Preso num caule suspenso.*

A imprensa, como veículo que propaga idéias e forma opiniões, baseia-se no interesse, o qual pode ser considerado o atributo de definição do jornalismo. Só é notícia o relato que projeta interesses, desperta interesses ou responde a interesses. Esse atributo de definição pode alcançar maior ou menor intensidade, dependendo da existência, em maior ou menor grau, de atributos de relevância no conteúdo.

Afrânio Coutinho⁹ assevera que, para Aristóteles, a literatura como toda arte, tem um valor em si mesma, e a experiência estética possui uma finalidade em si mesma. Para ele a literatura deve ser encarada como ‘poética’, e não como ‘política’ (no sentido em que a vêem os platônicos). E a crítica constituirá uma análise e uma avaliação da obra literária como obra de arte, o centro de interesse sendo a obra em si mesma, em seu valor intrínseco, em sua intimidade artística. A obra, em sua característica estético-literária, que deve ser o centro da preocupação crítica.

A palavra é maleável, assume, aspectos inesperados, ganha sentidos impensados, segue o caminho que seu criador eventual determina. Possui, uma “tendência a se cristalizar, a se fixar no tempo, formando um quisto estático e morto”¹⁰. Essa tendência é da palavra em si, tomada individualmente, sem pertencer, em espécie, a este ou aquele setor da linguagem. E o jornalista, o repórter, o escritor que usa da palavra para manter esse contato com a vida quotidiana, compreende o valor da linguagem que está, a cada instante, nascendo ao seu alcance.

Nesse contexto, a imprensa brasileira passa a volver seu olhar sobre a obra literária de Raquel Naveira em 1989, quando a revista *West* de Campo grande noticiou as primeiras publicações, *Via Sacra* e *Fonte Luminosa*. Em seguida o jornal *Verve*, do Rio de Janeiro, sob a direção de Ricardo Oitica, inicia a difusão, da obra da autora, para o público leitor e a crítica. Em 1991, recebeu o prêmio Jacaré de Prata da Secretaria de Cultura e de Esporte de Campo Grande, por ocasião da publicação do terceiro livro: *Nunca-Te-Vi*.

Apesar de sua não notoriedade no circuito literário, a *Revista Caras*, nº 41 e 281 propagam a biografia e alguns poemas de Raquel Naveira. Em contrapartida, a revista *Taira*, da Universidade Stendhal, em Grenoble, França, lança o nome da poetisa no cenário internacional com a publicação do poema “Lavoura”, do livro *Nunca-Te-Vi*.

Nesse percurso de receptividade, os poemas naveirianos recebem a atenção da Revista Literária Blau, de Porto Alegre, nos números 19 e 20 de 1998.

A divulgação da obra de Raquel Naveira na mídia se dá de forma acentuada pelos periódicos de Campo Grande, especialmente no *Correio do Estado*, no qual durante vinte anos são publicados os poemas da poetisa. Como resultado dessa atenção especial muitos ensaios e análises são escritos por ensaístas e dentre eles as apreciações críticas do professor de história da UFMS, Dr. César Benevides.

Outra matéria que merece destaque é a realizada por José Nêumanne Pinto, em julho de 1998, no jornal *Opção Cultural*, da cidade de Goiânia, com um artigo intitulado *Raquel Naveira – Os farelos do Sagrado*, no qual põe à vista a proposta literária, simbólica e emocional dos textos da escritora, que foram assim observados: “O que me seduziu, desde a primeira leitura da obra poética de Raquel Naveira, foi, em primeiro lugar, a intimidade de alcoviteira que ela estabelece com o leitor. Seu tom é sempre murmurante, nunca altissonante. Seu verso farfalha como seda e cochicha, nunca se impondo aos gritos. A história para ela é uma espécie de amiga de infância”.

⁹ Coutinho, 1968.

¹⁰ Olinto, 1955.

Dentre as publicações opinativas a respeito da autora, percebe-se a significação da resenha de *Abadia*, registrada na Biblioteca nacional do Rio de Janeiro, cujo trabalho foi efetivado pelo Dr. Roberto Pontes, da Universidade federal do Ceará. Outra publicação importante para a carreira literária de Raquel Naveira foi a análise engendrada pelo Senador e escritor Artur da Távola, e publicada em Brasília, na Revista *Contato*, especializada em temas de Comunicação, Arte e Educação (Távola, jul./set., 1999, n.4). A trajetória biográfica e o arrolamento analítico das obras de Raquel Naveira receberam dedicação da professora Josênia Chisini, em pesquisa publicada na Revista *Multitemas*, da Universidade Católica Dom Bosco, sob o título “A Difusão do trabalho Literário de Raquel Naveira”.

A referida professora, principal bibliografia para esse trabalho analítico sobre Raquel Naveira afirma que, uma pesquisa cultural em Mato Grosso do Sul, não seria completa se não se recorresse às investigações de Maria da Glória Sá Rosa, que acompanhou o crescimento literário de sua ex-aluna, Raquel Naveira. Nesse contexto, Maria da Glória comenta sobre *Senhora*: “Quem pode falar com segurança sobre o assunto é a nossa Raquel, para quem a poesia é tão necessária como o ar, tanto que já está lançando o seu décimo sexto livro, *Senhora*, viagem pelos reinos de antigas civilizações, nas quais se sente tão à vontade, como se a eles pertencesse de direito. São 57 poemas feitos de delicadeza em que a autora nos toma pela mão e nos transporta à atmosfera dos castelos medievais, dos mistérios dos faraós, nos quais participa de um jogo de senhora/serva, para nos conduzir depois ao reino da literatura portuguesa e espanhola, cujos personagens revive com a segurança de quem conhece os segredos”¹¹.

Se buscarmos o alargado *Curriculum Viatae* de Raquel Naveira, será possível constatar sua incansável participação em conferências, congressos, encontros acadêmicos e artísticos. A exemplificar têm-se as conferências na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo e nas Universidades Federais do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, além de encontros, palestras e saraus na Universidade Católica Dom Bosco, na qual é professora. Frequentemente a escritora participa dos eventos literários nacionais, sobretudo em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Na mídia televisiva compareceu ao programa “Sem Censura”, da TVE, que noticiou o lançamento do livro *Abadia*, na BIENAL do livro do Rio de Janeiro, em 1992.

A escritora concedeu ainda entrevistas na TVs locais, abordando o livro *Casa de Tecla*, nos programas: “Tribo Verde, na apresentação do Canal Rural da TVE”, “Variedades”, da TV Morena e com bastante significação no Canal da TV Universitária, de São Paulo, sob o patrocínio da TV Mackenzie, Universidade na qual a poetisa fez saber as suas atividades literárias, por meio de uma entrevista levada ao ar durante os dias 16 a 21 de novembro de 1999.

Outra vertente importante a respeito dos trabalhos literários de Naveira são os diálogos com outras manifestações de arte. Constantemente suas palavras poéticas são utilizadas como imagens que dão vida a encenações, performances e representações teatrais e cinematográficas. No cinema, o livro *Caraguatá* foi transformado em curta-metragem, sob a direção de Célio Grandes e estrelado pela atriz Christiani Tricerri, que é a “eterna musa de Cacá Rosseti”. Esse filme estreou no cinema no dia 22 de agosto de 1997, no “8º Festival Internacional de Curtas”, de São Paulo.

Ainda no percurso de eventos literários, em 1996, Raquel Naveira participa do “Encontro de Escritores do Mercosul”, no Memorial da América Latina, em São

¹¹ Sá Rosa, 18 mar. 2000: p.7.

Paulo. Comparece por várias vezes ao “Pen Clube do Brasil”, no Rio de Janeiro, para falar de Literatura, divulgando assim, a literatura sul-mato-grossense.

Intelectual compromissada cada vez mais com seu ofício docente e literário, Raquel Naveira prossegue na sua sina de aranha, de fiandeira, tecendo com fios preciosos e frágeis de memória, lirismo e fraternidade, uma obra única e dinâmica. Uma larga e fina teia que se espalha pelo universo.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIGUCCI Jr., Davi. **Paixão, humildade e morte**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- ARRUDA, António. **Vultos eminentes**. Cuiabá, MT: Editora do autor, 1999.
- BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão: poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Editor a civilização Brasileira S.A, 1990.
- _____. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. **Livro de pré-coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: 2000.
- _____. **Compêndio para uso de pássaros**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência**. Uma teoria da poesia. Trad. Arthur Nestrovisk. Rio de Janeiro: Editora Imago 1991.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem**. Rio de Janeiro, Cultrix, 1967.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 2º vol. 8ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia LTDA, 1997.
- CHALHULB, Samira. **A metalinguagem**. São Paulo: Ática, 1986.
- CHISINI, Josênia Marisa. **Raquel Naveira: a fiandeira de textos**. In NAVEIRA Raquel. **Stella Maia e outros poemas**. Campo Grande MS: Editora UCDB 2001.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 16ª ed. , Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Trd. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.
- DORSA, Arlinda Cantero. **As Marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul: Editora UCDB 2001.
- DUFRENNE, Mikel. **O Poético**, Porto Alegre: RS: Editora Globo 1969.
- _____. **Estética e filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia e a estética**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1993.
- GOMES, Otávio Gonçalves. **Mato Grosso do Sul na obra de Visconde de Taunay**. Brasília: Centro Gráfico do Senado 1990.
- FERNANDES, José. **O Poeta da Linguagem**. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
- FILHO, Ives Garcia Martins. **Manual esquemático da história da filosofia**. São Paulo,: Ed. Nouvelle, 1999.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística, poética, cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- MARINHO, Marcelo e RAMIRES, Emanuela Maria Gemignani. **Caramujo-flor, de Joel Pizzini, e a obra poética de Manoel de Barros**. In. O Guardador de Inuntensílios. Cadernos de Cultura nº 4, Campo Grande, MS: Editora UCDB maio de 2001.

- MAZZIOTTI, Fábio Pereira. **Vertentes do Nilismo na obra poética de Manoel de Barros**. In. O Guardador de Inutensílios. Cadernos de Cultura nº 4,: Campo Grande, MS: Editora UCDB, maio de 2001.
- MENDONÇA, Rubens. **História da literatura Mato-Gossense**. Goiânia, GO: Editora Rio Bonito, 1970.
- MOURIAC, François. **Therèse Desqueyoux**. Trad. e pref. Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Cosac e Naif, 2002. (Prosa do Mundo 7)
- NAVEIRA, Raquel. **Via Sacra**. Campo Grande: Produção independente, 1989.
- _____. **Fonte Luminosa**. São Paulo, Massao Ohno, 1990.
- _____. **Nunca-Te-Vi**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- _____. **Fiandeira**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- _____. **Guerra entre irmãos**. Campo Grande: Produção independente, 1993.
- _____. **Sob os Cedros do Senhor**. São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. **Canção dos Mistérios**. São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. **Abadia**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- _____. **Mulher Samaritana / Maria Madalena**. Aparecida, Santuário, 1996.
- _____. **Caraguatá**. Dourados: Fundação Cultural R Svierzoski, 1996.
- _____. **Pele de Jambo**. Belo Horizonte: Ed. RHJ, 1996.
- _____. **O Arado e A Estrela**. Campo grande: Ed. UCDB, 1997.
- _____. **Rute a Sogra Noemi**. Aparecida, Santuário, 1997.
- _____. **Casa de Tecla**. São Paulo: Escrituras, 1998.
- _____. **Senhora**. São Paulo: Escrituras, 1999.
- NOLASCO, Paulo Sérgio dos Santos. **Lobivar de Matos:Um clássico desconhecido**. In. ANPOLL GT de Literatura Comparada. Texto da *Internet* – http://www.ufrgs.br/iletras/anpoll/gt_litcomp/forum/forum24.htm.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- PONTES, José Couto Vieira. **História da literatura Sul-Mato-Grossense**. São Paulo: Editora do Escritor 1981.
- PÓVOAS, Lenine C. **História da Cultura Matogrossense**. São Paulo: Editora Resenha Tributária LTDA, 1982.
- SEREJO, Hélio. **No mundo bruto da erva-mate**. Tupã, SP: Gráficas e Editoras Cingral, 1991.
- RODRIGUES, J. Barbosa. **História de Campo Grande**. Editora Resenha Tributária LTDA: São Paulo, 1980.
- ROSA, Maria da Glória Sá. **Crônicas de fim de século**. Campo Grande MS: Editora UCDB 2001.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. **Inocência**. 27ª ed., Série Bom Livro, São Paulo: Editora Ática, 1998.
- _____. **A Retirada da Laguna**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro publicações S.A
- TELLES, Gilberto Mendonça. **A retórica do silêncio**. São Paulo: Cultrix/MEC, 1979.
- ROSA, Maria da Glória Sá e outros. **Memória da arte em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS/CECITEC, 1992.
- Dicionário de Mitos Literários. Org. Pierre Brunel. S.A:Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

